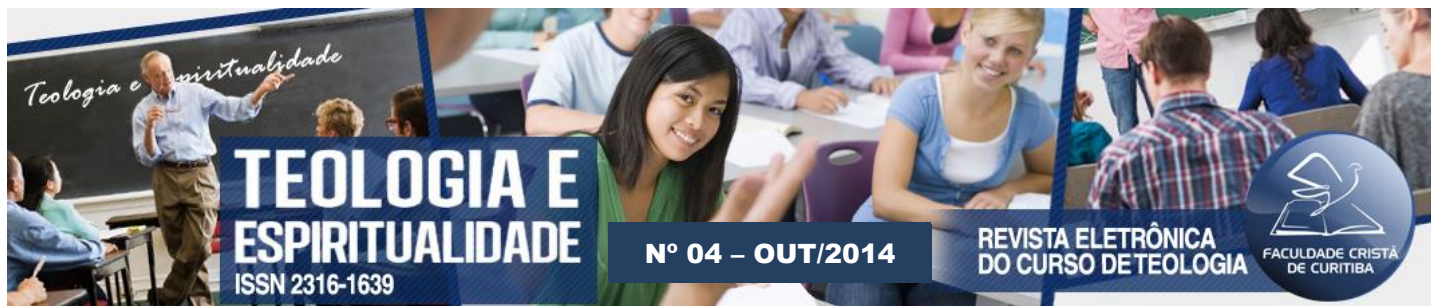




CREDO UT INTELLIGAM: BREVES APONTAMENTOS DE FILOSOFIA DA RELIGIÃO

Willibaldo Ruppenthal Neto*

RESUMO

A filosofia da religião é uma disciplina recente que possui como natureza e objeto dois elementos que são muitas vezes contrapostos: a filosofia e a religião. Este artigo visa apresentar breves apontamentos sobre as dicotomias entre a filosofia e a religião, a fé e a razão, e entre Deus e o Absoluto, o deus dos filósofos. De modo algum o artigo pretende esgotar a questão senão somente apresentar as principais tendências sobre estas dicotomias e a relação com a filosofia da religião.

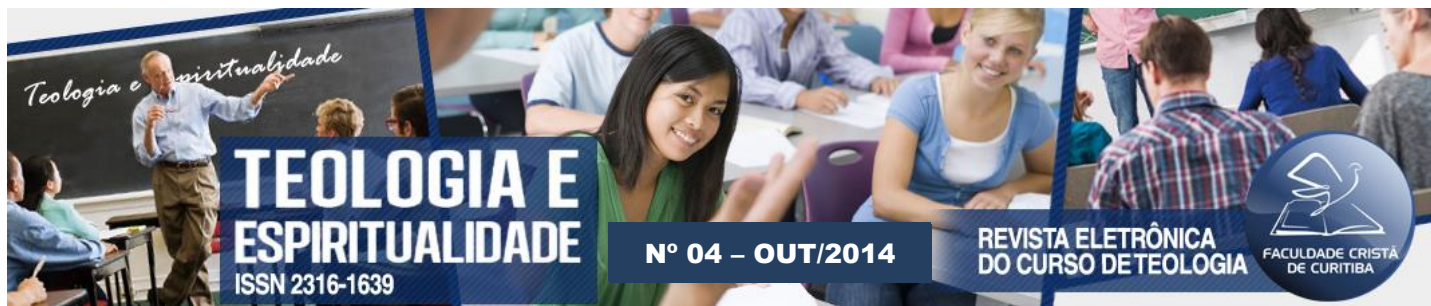
Palavras-chave: *Filosofia da religião; filosofia cristã; filosofia.*

ABSTRACT

The philosophy of religion is a recent discipline that has as its nature and object two elements that are often countered: philosophy and religion. This article presents brief notes about the dichotomies between philosophy and religion, faith and reason, and between God and the Absolute, the god of the philosophers. This article in no way intend to exhaust the issue but only present the main trends on these dichotomies and the relation with the philosophy of religion.

Key-words: *Philosophy of Religion; Christian Philosophy; Philosophy.*

* Graduando em História pela Universidade Federal do Paraná (UFPR) e graduando em Teologia pelas Faculdades Batista do Paraná (FABAPAR).



INTODUÇÃO

A filosofia da religião tornou-se disciplina própria recentemente, especialmente fundamentada sobre as obras e pensamento de autores tais como o cardeal Newman, Edmund Husserl, Max Scheler, Martin Buber, Martin Heidegger, Karl Jaspers, Jacques Maritain, Karl Rahner e ainda outros¹. Não se trata de teologia, apesar desta segunda ser o pensamento reflexivo e racional sobre a religião cristã e seus fundamentos (revelação), uma vez que trata-se realmente de uma forma de filosofia, não estando presa à revelação ou mesmo a uma determinada religião. Trata-se, portanto, do pensar do homem sobre sua realidade religiosa e suas religiões².

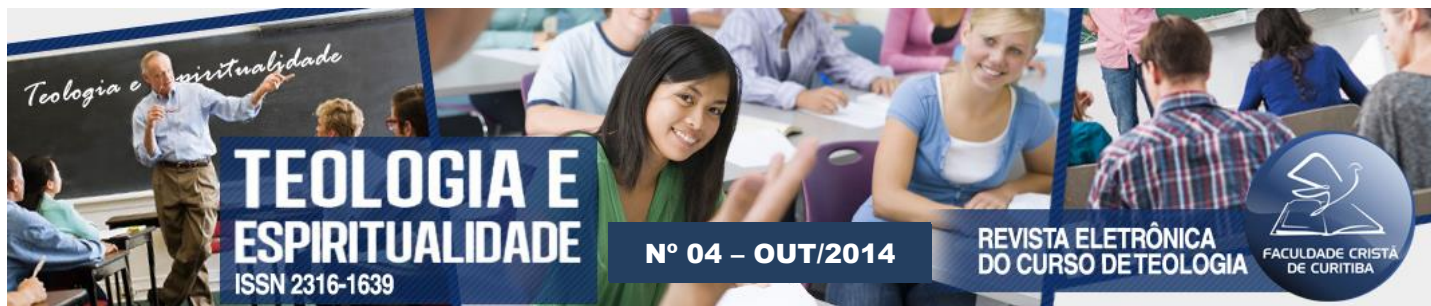
O propósito deste artigo não é apresentar uma explicação ou definição da filosofia da religião, mas simplesmente fazer breves apontamentos sobre esta disciplina e as realidades com as quais esta trabalha, ou seja, sobre a filosofia e a religião, assim como seus elementos e relações.

FILOSOFIA X RELIGIÃO

Para muitos há uma divisão entre filosofia e religião por estes entenderem que fé e razão são mais do que diferentes – são opostas. Nesta divisão, há o risco de tentar-se equilibrar a questão pela anulação de um dos lados, seja o lado da religião ou da filosofia. Assim, anulando-se a religião, muitos filósofos chegaram mesmo a defender que esta seria algo como preliminar à filosofia, algo anterior e que com o advento da filosofia, se tornaria finalmente inútil.

1 ZILLES, 2010: 9.

2 Apesar de tratar sobre a religiosidade humana, o aspecto do *homo religiosus*, não é o mesmo que a história das religiões ou ciência das religiões, que é “a análise dos elementos comuns das diversas religiões a fim de decifrar-lhes as leis de evolução e, sobretudo precisar a origem e a forma primeira da religião” (ELIADE, 1995: 1).



Kant defendeu que a religião seria uma forma imperfeita de moralidade, desenvolvendo sua filosofia para superá-la, especialmente pela sua obra *Die Religion innerhalb der Grenzen der bloßen Vernunft* (“A religião nos limites da simples razão”), o qual escreve o seguinte em seu prólogo:

A Moral, enquanto fundada no conceito do homem como um ser livre que, justamente por isso, se vincula a si mesmo pela razão a leis incondicionadas, não precisa nem da ideia de outro ser acima do homem para conhecer o seu dever, nem de outro móbil diferente da própria lei para o observar. (...) Portanto a Moral, em prol de si mesma (tanto objetivamente, no tocante ao querer, como subjetivamente, no que diz respeito ao poder), de nenhum modo precisa da religião, mas basta-se a si própria em virtude da razão pura prática.³

Assim, compreende-se que para Kant, “a religião é o conhecimento de todos nossos deveres como mandamentos divinos”, não sendo mais necessária, portanto, após a moral desenvolver-se. A moral toca e ultrapassa a religião, pela razão.

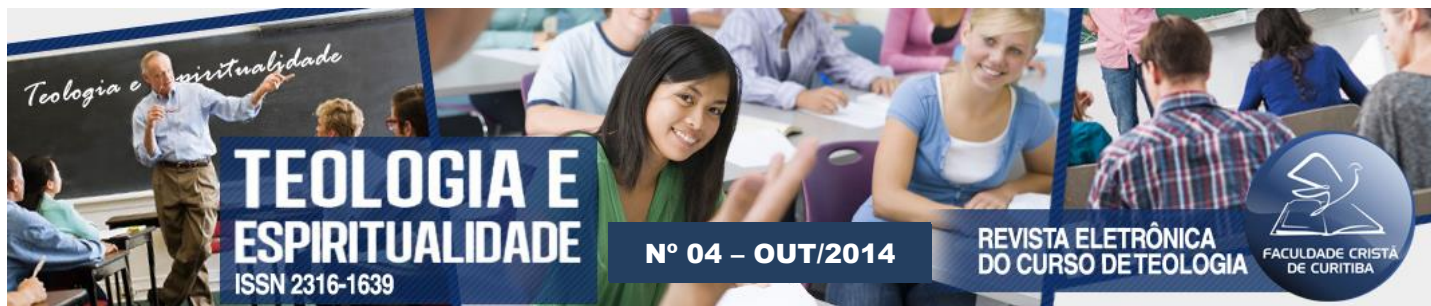
Outro autor que também defende a inutilidade da religião perante a filosofia é G. W. F. Hegel, que em sua obra póstuma *Vorlesungen über die Philosophie der Religion* (“Lições sobre filosofia da religião”) deixou bastante claro pensar que filosofia e religião teriam o mesmo objeto de estudo, sendo que a primeira veria a este objeto – Deus (O Absoluto) – como conceito, enquanto a segunda apenas o veria como representação. A religião seria, portanto, uma filosofia inadequada, imperfeita e desnecessária.

Tais percepções da filosofia como superior à religião são definidas por Gianfranco Morra como “formas de intelectualismo”⁴, pois “partem da ideia de que o cume da vida espiritual é a razão filosófica e que a religião é algo de imperfeito e de incompleto, apropriada somente para quem não pretende elevar-se até a filosofia”⁵. A religião para estes pensadores é uma simples sombra da filosofia – algo

3 KANT, 2008: 9.

4 MORRA, 2004: 33.

5 MORRA, 2004: 33.



semelhante mas inferior.

De outro lado, há aqueles que buscam anular a filosofia diante da religião, em uma posição “fideísta”⁶, afirmando que o campo de trabalho da religião é o mistério e absurdo⁷, intocável pela razão e pela filosofia, inúteis diante desta realidade supra-racional. Quem toma tal postura tende a defender com Tertuliano a total separação entre a religião e a filosofia, pela incomparável grandeza da primeira diante da fraqueza da segunda, transformando a fé em algo completamente oposto à razão, como um verdadeiro salto no escuro, ou um salto sempre inédito como lembrava Kierkegaard:

A dialética da fé é a mais sutil e notável entre todas; possui uma elevação da qual eu posso fazer uma ideia, porém nada mais que isso. Posso perfeitamente realizar o salto de trampolim no infinito; assim como o dançarino na corda, tenho torcida a espinha desde a infância; também fácil me é saltar: um, dois e três! Atiro-me de cabeça na vida, porém para o salto seguinte não me sinto capaz; conservo-me hesitante diante do prodígio, não o consigo realizar.⁸

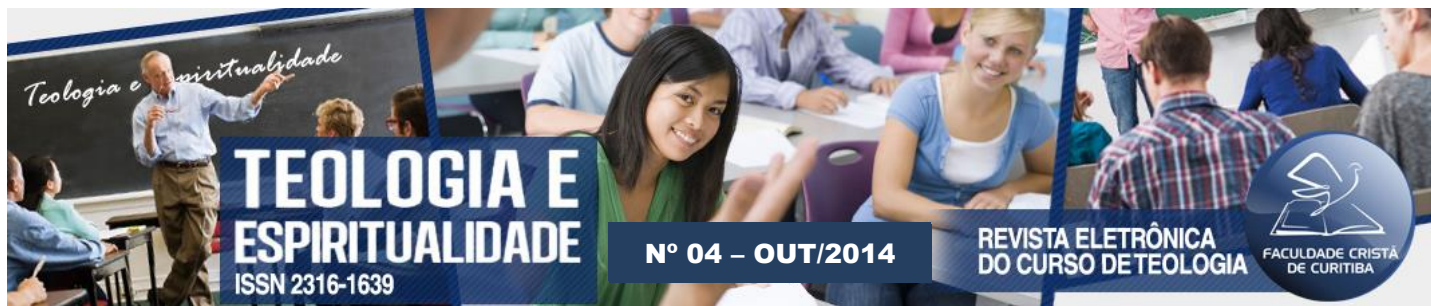
De fato, “tanto a solução intelectualista quanto a fideísta não conseguem resolver adequadamente o problema das relações entre religião e filosofia”⁹. Segundo Morra, a solução está na percepção da objetivação diferente destas, sendo a filosofia focada na compreensão do ser, enquanto que a religião é focada na salvação. Ora, há quem defenda contra Morra que a religião e a filosofia devem andar separadamente por oferecerem duas respostas diferentes para a mesma pergunta, duas alternativas para uma mesma questão, como o defende Luc Ferry, segundo o qual as filosofias devem ser compreendidas por suas propostas

6 MORRA, 2004: 34

7 Sobre a fé de Abraão, Kierkegaard escreveu: “Creu no absurdo, porque isso não faz parte do cálculo humano.” (KIERKEGAARD, 2012: 42). E sobre esta experiência de Abraão, afirma o seguinte: “Caio a todo momento no paradoxo inaudito que é a substância de sua existência; a todo instante sinto-me rechaçado, e não obstante o seu apaixonado furor, o pensamento não consegue compreender este paradoxo nem na medida de uma espessura de cabelo” (KIERKEGAARD, 2012: 39).

8 KIERKEGAARD, 2012: 42-43.

9 MORRA, 2004: 35



soteriológicas, assim como as religiões: tanto umas como as outras oferecem caminhos de salvação para o homem. Ambas possuem o mesmo objetivo. Se assim for, não há escolha senão ser filósofo ou religioso, optando por uma das duas formas salvíficas. Se Morra está com a razão, porém, há então como conciliar religião e filosofia, como pretendem os filósofos cristãos.

Os primeiros filósofos cristãos surgiram já no cristianismo primitivo, unindo a fé cristã às filosofias pagãs daquele tempo. Com as acusações pagãs sobre o cristianismo, foi necessária “uma abordagem mais racional da sua própria causa que possibilitasse que os outros se lhes reunissem numa verdadeira discussão”¹⁰. Neste contexto de acusações e consequente defesa do cristianismo da parte dos apologetas, o cristianismo torna-se em objeto de reflexão filosófica. Assim, Justino, Orígenes e Clemente de Alexandria constroem verdadeiras filosofias sobre a doutrina cristã. Justino, por exemplo, “ao se converter ao cristianismo (...) não deixou de ser filósofo, mas dedicou-se a fazer 'filosofia cristã’”¹¹. Mesmo assim, porém, havia já naquele tempo aqueles que negavam a possibilidade de uma relação, tal como Tertuliano, que afirmava: “O que existe de comum entre Atenas e Jerusalém? Entre a Academia e a Igreja? Entre os heréticos e os cristãos?”¹².

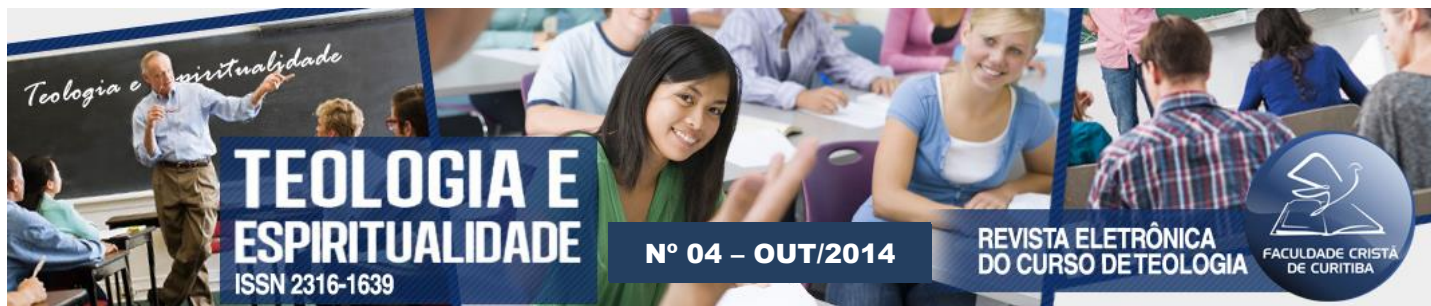
Apesar da filosofia ter estado vinculada à religião cristã desde os filósofos do cristianismo primitivo até a modernidade – passando por nomes como Agostinho e Tomás de Aquino – a questão não é tão simples, nem se encerrou. Em 1931 chegou a ocorrer um debate na cidade de Paris sobre a possibilidade de uma filosofia cristã. Enquanto filósofos como E. Bréhier e L. Bruschvicg defenderam a impossibilidade da filosofia cristã, outros como Etienne Gilson e Jacques Maritain defenderam a possibilidade desta. Étienne Gilson, defensor da “filosofia cristã” bem lembra-nos que apesar de recente, esta noção de filosofia cristã “tinha seu preço”¹³, pois muitos se posicionaram contra a ideia de uma “filosofia cristã”, desde filósofos até teólogos

10 JAEGER, 2002: 43.

11 GONZÁLEZ, 2011: 91.

12 PELLISTRANDI, 1978: 255.

13 GILSON, 2012: 181.



que “queriam desmontar o mecanismo graças ao qual a fé podia colaborar com a razão e, inversamente, sem que uma e outra perdessem as essências”¹⁴.

Morra também distingue religião e filosofia pelo método, uma vez que enquanto a filosofia trabalha pela razão sobre o Princípio explicativo que é o Ser, a religião trabalha sobre a “pessoa salvífica” pela revelação. Mesmo que ambos possuam mesmo objetivo (salvação, segundo Ferry) e mesmo objeto (Deus entendido como Ser ou Pessoa), diferenciam-se, portanto, no método. Porém, cabe pensar se estes métodos são de fato opostos, como muitos pensam, ou complementares.

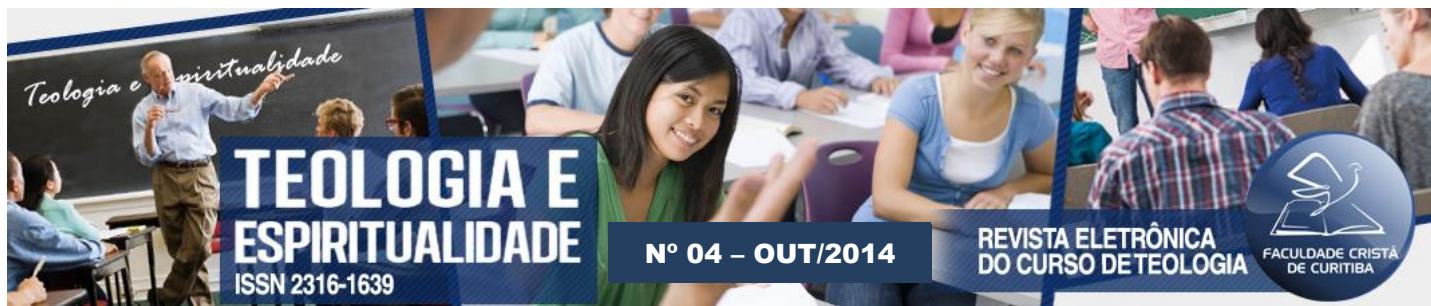
FÉ X RAZÃO

A relação entre a fé e a razão é uma discussão bastante antiga, especialmente presente nos séculos XI e XII, quando as discussões doutrinárias sobre a onipotência divina ou mesmo a transubstanciação tomavam aspectos filosóficos e desembocavam em debates sobre os limites da fé e razão nesta relação de difícil definição. Assim, alguns princípios foram construídos para direcionar os pensadores, tal como a definição de Gregório Magno de que “não é admirável o agir divino compreendido pela razão, nem tem mérito a fé quando a razão humana oferece a prova”¹⁵. Esta definição de Gregório Magno visava estabelecer limites bem claros à razão e submeter a razão à fé em uma perspectiva clássica da religião onde também a filosofia é serva da teologia.

Diferente de Gregório Magno era Anselmo, que buscou valorizar a razão em sua relação com a fé. A antiga máxima de Agostinho “*credo ut intelligam*” (“creio para compreender”), onde a fé colocava-se acima da razão sendo-lhe precedente, é ampliada: “*Neque enim quaero intelligo ut credam, sed credo ut intelligam*” (“não busco entender para poder crer, e sim acredito para poder entender”). A valorização

14 GILSON, 2012: 184.

15 GALIMBERTI, 2003: 222.



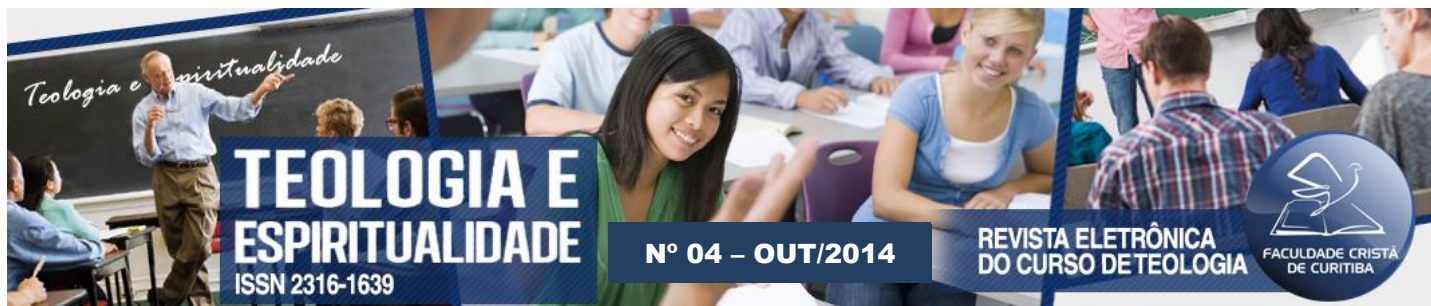
da razão não prejudica necessariamente a fé – pelo contrário! – pois a razão pode colaborar para a fé se está for uma “*fides quaerens intellectum*” (“fé em busca de compreensão”).

A questão entre religião e ciência é diferente, porém, por tratar-se de uma realidade histórica e não filosófica. Os limites entre religião e ciência, evidentes pela diferença de método e objeto que possuem não costumam serem respeitados, especialmente da parte da religião sobre a ciência. Apesar da condenação de Galileu Galilei ser bastante famosa, foi um de muitos casos em que a igreja barrou e impediu o desenvolvimento da ciência. Pela religião e para a preservação da doutrina não só a geologia era condenada, uma vez que “a criação está descrita no Gênesis” e “querer demonstrar-lhe o mecanismo é uma curiosidade sacrílega”¹⁶, como disse Jacques-Bénigne Bossuet, também a medicina foi condenada para os clérigos em 1131, uma vez que as doenças eram entendidas como “uma punição divina pelos pecados ou o modo de que Deus se serve para chamar a si os eleitos”¹⁷. Estas intromissões da religião na ciência não devem, porém, serem confundidas com a oposição entre fé e razão. A fé pode sim relacionar-se com a razão assim como pode ocorrer o inverso, e isto fica claro pela filosofia da religião. A filosofia da religião é possível pelo fato de que a razão pode dar-se a partir da fé, colocar-lhe à prova, quando a fé abre-se para uma busca de embasamento e mesmo compreensão. Esta origem “pística” do material a ser racionalizado em nada impede que a filosofia ocorra, pois, como bem lembra Gilson “a origem do pensamento não diminui em nada o seu valor”, de tal forma que “o filósofo pode especular a partir de um mito, ou de uma fé religiosa, ou de um sonho, ou de uma experiência pessoal afetiva, ou de uma experiência social coletiva”¹⁸.

16 BOSSUET apud GALIMBERTI, 2003: 230.

17 GALIMBERTI, 2003: 231.

18 GILSON, 2012: 186.



DEUS X ABSOLUTO

Além da dicotomia religião/filosofia criada por diversos pensadores, houve também a criação de uma diferenciação na compreensão de Deus, que passou a ser compreendido como “objeto” da religião. A ideia de Deus como Outro, como realidade que se apresenta, se revela em parte na religião, passou a ser compreendido como o objeto de estudo da teologia e da religião, como algo a ser compreendido e definido. De pessoa, Deus passou a algo definido como o “absoluto” de Hegel até o “inconsciente coletivo” de Jung.

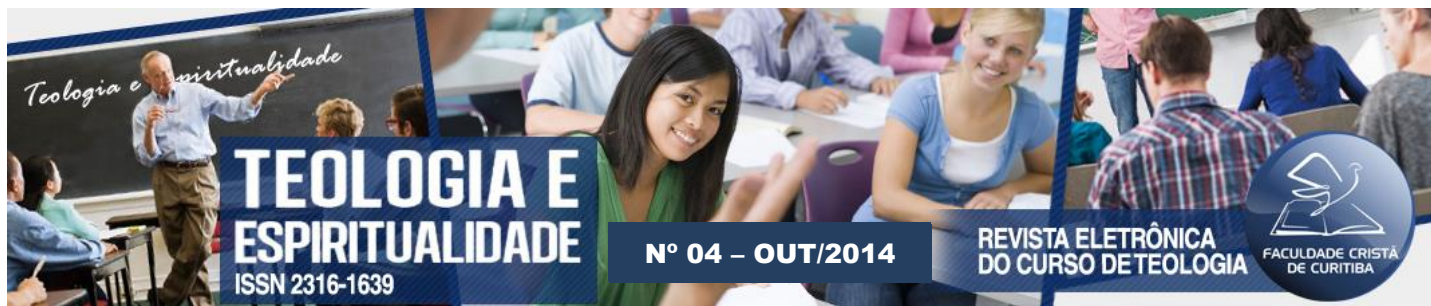
Kant, por exemplo, não apenas anulou a religião como buscou anular o próprio Deus através da moral, uma vez que para o filósofo alemão a realidade chamada de “Deus” não é nada mais que uma parte, ou melhor, uma relação dentro do próprio homem: “Deus não é nenhuma substância exterior, mas apenas uma relação moral dentro de nós”¹⁹. Desta forma, em Kant “a religião identifica-se com a consciência, sem necessidade do conceito de Deus”²⁰. O “conceito Deus” é desnecessário, por se tratar de um mero conceito, já abarcado pela moral. A proposta de Kant é também de uma religião diferenciada: sem “superstições” acerca de milagres e realidades sobrenaturais, sem oração e comunhão com Deus, senão apenas comunhão com os demais fiéis. Ora, trata-se de uma religião que “esvazia-se em simples ideia humana, num cristianismo sem Cristo e sem Igreja, sem história da salvação”²¹ e especialmente, sem Deus, realidade somente interior, e portanto, por demais distante da Primeira pessoa da Trindade ou do criador e Senhor de todas as coisas.

No pensamento de Hegel algo semelhante também ocorre. Para este filósofo, Deus não deve ser compreendido como *pessoa*, mas compreendido como *Espírito*,

19 KANT apud BUBER, 2007: 20.

20 ZILLES, 2010: 59.

21 ZILLES, 2010: 59.



presente não somente no homem como em todo o saber – até a lógica é “apresentação de Deus”, assim como Deus é “a vida infinita”, “o absoluto”, “a verdade”, “o conceito”, “a ideia” e por fim “o espírito absoluto”²². É tantas coisas que acaba confundindo-se com todas as coisas, sendo portanto, tudo e nada. Sendo tudo, estando em tudo, não é mais uma realidade alheia ao homem e que este tem como Outro.

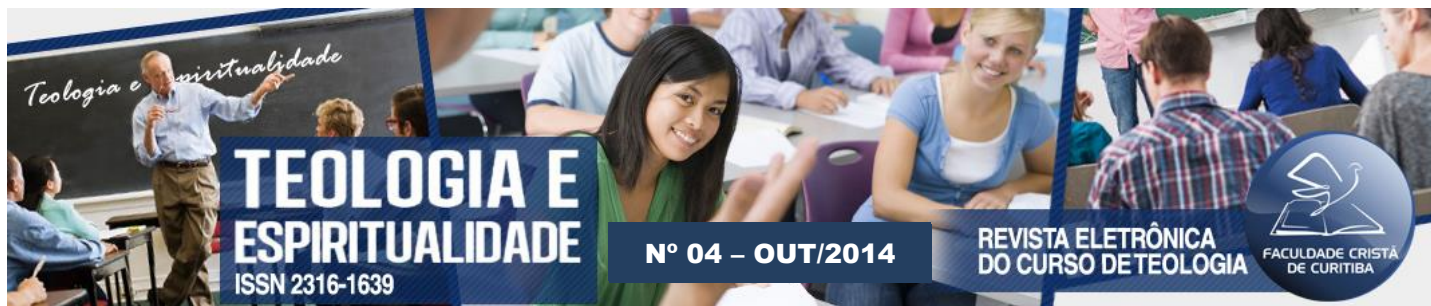
A ideia de Deus como Outro tem um grande expoente em Martin Buber, filósofo judeu, que buscou demonstrar que mesmo no contexto de um “eclipse de Deus”, o nome de Deus ainda pode e deve ser buscado, apesar das dificuldades que isto implica na nossa situação: “Não podemos lavar a palavra 'Deus', nem podemos consertá-la, mas podemos, manchada e rasgada como está, levantá-la do chão e erguê-la nas horas de grande preocupação”. Sua filosofia dialógica defende que apesar de estarmos no tempo da “morte de Deus”, como definido a partir de Nietzsche, na verdade “o Deus vivo” não é parte do mundo supra-sensível eliminado, assim como é impossível entender-se os encontros com este Deus como encontros consigo mesmo. Trata-se do Outro, inalcançável mas ao mesmo tempo próximo, que não pode ser por nós morto, mas que alcança o homem em sua realidade. Este Deus não pode ser o Deus distante e frio dos filósofos, mas somente o “Deus sensível ao coração e não a razão” de Pascal. Trata-se do Deus do encontro, o Deus pessoal, o “Deus de Abraão, Deus de Isaque, Deus de Jacó: não o Deus dos filósofos e dos cientistas”, como bem disse Pascal²³.

Deus, segundo Martin Buber, “nunca pode se tornar para mim objeto; não posso chegar a nenhuma outra relação com ele senão a do Eu com seu eterno Tu – a do Tu com seu eterno Eu”²⁴. A tendência moderna de despersonalizar Deus acabou culminando em uma percepção panteísta de Deus, onde Deus está em todas as coisas, ou mesmo uma visão psicologista, onde Deus não existe senão na

22 ZILLES, 2010: 69.

23 PASCAL apud MORRA, 2004: 39.

24 BUBER, 2007: 64.



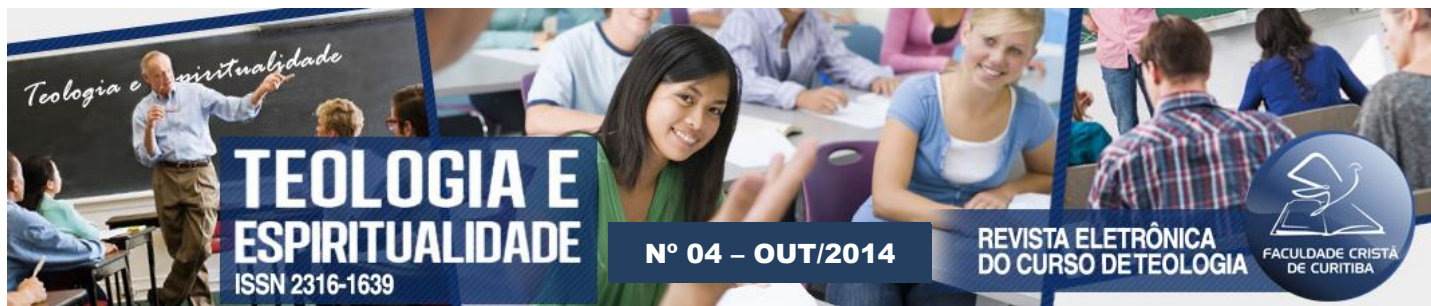
psique humana. Esta última perspectiva é a de Carl Gustav Jung²⁵, que relega a Deus um lugar dentro da alma humana de tal forma que não entende Deus “como um ser ou uma essência a qual corresponda um conteúdo psíquico, e sim como sendo precisamente esse conteúdo”²⁶. Isto se dá por se perceber a Deus como objeto de análise, seja da filosofia como da psicologia, quando Deus deve ser percebido justamente e somente quando este mesmo se apresenta, da forma que se apresenta.

CONCLUSÃO

A filosofia da religião apresenta-se como uma disciplina de tensões, trabalhando sobre duas realidades historicamente conflitantes, e especialmente complicadas pelas variadas posições dos pensadores sobre sua relação. Suas partes – filosofia e religião – tornam-se seus objetos, uma vez que é característico de seu método (filosofia), o pensar sobre si mesmo. Assim, a filosofia da religião não é simplesmente um pensamento filosófico sobre a realidade religiosa, mas mesmo um pensamento sobre este pensar, uma dupla reflexão nesta difícil relação.

25 Jung percebe a religião por uma perspectiva positiva, apesar de entendê-la como um "sistema terapêutico", como deixa claro em sua análise psicológica (JUNG, 1972: 205).

26 BUBER, 2007: 77. Jung defendeu-se desta acusação de Buber afirmando o seguinte: “Quando sou de opinião que todas as afirmações sobre Deus partem em primeira linha da alma e que, por isso, é preciso distingui-las do ser metafísico, com isso nem Deus foi negado nem o homem foi colocado em lugar de Deus.” (JUNG, In: BUBER, 2007: 128). Apesar desta distinção entre linguagem e realidade que Jung faz, sua perspectiva psicologista tende de fato a anular Deus à sombra da alma humana de modo inegável.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- BUBER, Martin. *Eclipse de Deus: considerações sobre a relação entre religião e filosofia*. Trad. Carlos Almeida Pereira. Campinas, SP: Verus Editora, 2007.
- ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano*. Trad. Rogério Fernandes. São Paulo: Martins Fontes, 1995.
- GALIMBERTI, Umberto. *Rastros do sagrado: o cristianismo e a dessacralização do sagrado*. São Paulo: Paulus, 2003.
- GILSON, Etienne. *O filósofo e a teologia*. Trad. Tiago José Risi Leme. Santo André: Academia Cristã; Paulus, 2012.
- GONZÁLEZ, Justo L. *A Era dos Mártires*. Trad. Key Yuasa. São Paulo: Vida Nova, 2011.
- JAEGER, Werner. *Cristianismo primitivo e paideia grega*. Lisboa: Edições 70, 2002.
- JUNG, C. G. *Fundamentos da Psicologia Analítica: as conferências de Tavistock*. Trad. Araceli Elman. Petrópolis, RJ: Vozes, 1972.
- KANT, Immanuel. *A religião nos limites da simples razão*. Trad. Artur Morão. Covilha: LusoSofia, 2008.
- KIERKEGAARD, Soren. *Temor e tremor*. Tradução e prefácio Torrieri Guimarães. Ed. Especial. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012. (Saraiva de Bolso).
- MORRA, Gianfranco. *Filosofia para todos*. 3 ed. Trad. Maurício Pagotto Marsola. São Paulo: Paulus, 2004.
- PELLISTRANDI, Stan-Michel. *O cristianismo primitivo*. Rio de Janeiro: Otto Pierre Editores, 1978.
- ZILLES, Urbano. *Filosofia da religião*. 8 ed. São Paulo: Paulus, 2010.